

Apenas essa conexão já seria suficiente para garantir o sustento deles por toda a vida. Enquanto ouvia os murmúrios dos soldados ao redor, Taylor apenas torceu os lábios. — Só estava preocupado com meu companheiro que partiu, nada mais. — Sua morte e ressurreição desperdiçaram meus sentimentos e me fizeram comer vários sanduíches a mais — respondeu alguém. — E agora você quer compensar isso com uma promessa boba? Letlina pensou por um momento e concordou. — É verdade. Ela tirou delicadamente o colar que sempre usava no pescoço — um símbolo sagrado entre seus muitos adornos de guerra. Era uma bela cruz de ferro, gravada com inscrições e versos sagrados. Quando o artefato se aproximou, Taylor sentiu uma explosão de energia, como se tivesse sido abençoado por um santo. Aquilo era parte de Letlina. Taylor ficou levemente corado. Parecia um presente de amor, e o poder contido ali era tão grande que poderia torná-lo comparável a um assassino bioquímico. Mas Letlina apenas disse: — É a recompensa que você merece. A proteção de uma santa permitirá que você e seus companheiros recebam minha força, mesmo quando eu não estiver lá. Seu rosto também ficou rosado, e Taylor pareceu perceber algo, mas rapidamente interrompeu o pensamento. Se não fosse apenas imaginação sua, os fanáticos da Igreja certamente arrancariam suas pernas! Ele agradeceu apressadamente, se afastou e, com um sorriso amargo, disse a Letlina: — Sempre fui assim, brincando à beira do desastre. — Ainda não consigo acreditar que matei Kosorax... Por fim, murmurou para si mesmo, em voz tão baixa que mal se ouvia: — Quem sabe qual será o próximo problema... Espero que não seja um Primarca demoníaco. --- Capítulo 118: Loucura Devota

O copo de vidro pingava líquido, sua superfície translúcida coberta por uma geada branca, como um bolo polvilhado com açúcar. Mas não era. O líquido transparente exalava um aroma adocicado, borbulhante, como se estivesse cantando e dançando em meio ao gás carbônico, como se dissesse: — Me beba de uma vez. Os dedos de Taylor deslizaram pela superfície gelada do copo, agradecendo ao velho amigo que acabara de resgatar do líquido de refrigeração do motor — sem ser pego pelo comissário ou causar um infarto nos conservadores adeptos do Culto Mechanicus. Valera a pena arriscar-se pelo simples prazer do gelado? Taylor respondia: — Claro que sim! Sua pele tocou o vidro, e o frio intenso se espalhou. Ele ergueu o copo rapidamente e engoliu tudo, goles rápidos e barulhentos. O gás carbônico explodiu em seu paladar como artilharia pesada, transformando o excesso de doçura em algo refrescante. A quantidade perfeita — cerca de dois terços do copo — era suficiente para saciar sem tornar a experiência um castigo. A garota Letlina exclamou admirada: — Que gole! Chefe! Taylor soltou um suspiro longo e relaxado, então perguntou: — A questão não é essa, mas sim quando vamos voltar para a civilização humana. Ele olhou para os arbustos baixos e a planície monótona ao redor, um mar marrom interrompido apenas por acampamentos de nômades. Taylor se sentia como um sem-teto. Deitado sobre um pano impermeável, bebendo água gaseificada resgatada do sistema de refrigeração de um motor Frankstein, comendo enlatados e blocos de amido insípidos entregues em horários fixos. Tudo porque os fiéis do planeta agora o buscavam. O Abençoado, o Portador da Unção Sagrada — era assim que o chamavam. No início, Taylor pensou que seria apenas mais uma fama passageira por uma vitória, algo que terminaria com alguns cumprimentos e poses de mascote. Mas a devoção do povo era impressionante. Quando a primeira peça de seu uniforme foi arrancada por uma multidão frenética sobre o tanque Leman Russ, Taylor quase foi arrastado para baixo! Se não fosse pela mira certa do velho Taikese, que abateu alguns dos fanáticos, a situação teria sido muito pior. Afinal, um santo vivo era algo raro, e Letlina e os Cavaleiros Cinzentos já haviam partido em veículos suspensos — ela para um mosteiro no satélite, em meditação e gratidão ao Imperador, e os Cavaleiros para outra frente de batalha. Isso deixou Taylor como o mais azarado de todos. Ele era um herói leal que derrotara os demônios, mas também o portador da bênção de uma santa. Pelos padrões da Igreja, ele teria status equivalente a um cardeal planetário. Mas, para seu azar, ele ainda era um soldado da Guarda Imperial. Desde a época da Apostasia, as leis proibiam qualquer organização eclesiástica de possuir forças armadas. Ou seja... Taylor tinha o prestígio, mas não o cargo. Isso encorajou muitos a tentar arrancar pedaços de suas roupas como relíquias — e não por motivos piedosos, como proteção ou oração. Na verdade, alguns desses fiéis não eram melhores que seguidores do Caos. Por isso, Taylor agora se escondia no ermo, esperando o transporte. E também

por seus companheiros. Pelas leis do Império, a Inquisição tinha o direito de executar ou lavar a memória de quem testemunhara demônios. Logo, todos os soldados da defesa planetária que lutaram ao lado de Taylor deveriam, teoricamente, ser mortos. Mas Taylor tinha privilégios. Como parte da Primeira Legião da Redenção de Scádi, eles podiam recrutar guerreiros qualificados como forças auxiliares. Assim, aqueles homens foram autorizados a manter a memória dos demônios, dedicando suas vidas à redenção. Sim, cumprir o dever — esse era o propósito da Legião da Redenção. Era o único caminho. Quem se recusasse poderia optar por castração química e lavagem cerebral... mas os voluntários para isso eram praticamente inexistentes, exceto para os feridos graves ou incapacitados. Por isso, Taylor pediu ao velho Taikese que os alistasse primeiro. Não era uma solução perfeita, mas era o melhor que ele poderia oferecer. Ele estava impaciente esperando pela nave de transporte, mas não porque não conseguisse viver longe da civilização humana. Pelo contrário, como um chefe ork, ele provavelmente se adaptava bem a esse tipo de vida. Afinal, esse mundo podia parecer desolado, mas ainda havia muita coisa para comer por aqui — insetos, lagartos, ratos. Sua temporada na cidade-colônia tinha ampliado bastante o cardápio de Taylor. Quando você considera blocos de amido uma iguaria, qualquer tipo de carne acaba agradando. O que Taylor realmente não aguentava era a loucura daquelas pessoas. A qualquer momento, elas podiam se jogar em situações desesperadoras e absurdas. Mal pensou nisso quando um barulho ensurdecedor veio de longe. Roland gritou no rádio: — Um monte de fanáticos, chefe! Posso atirar? Taylor respondeu: — Melhor não. Eles não estão aqui pra nos matar, só estão loucos por causa dessa fé maluca. Ele tentava manter um mínimo de compaixão. Algo dentro dele dizia que, se atirasse contra civis, perderia algo importante. Mas a situação fugia do controle. Ele ordenou que Frankstein colocasse o caminhão em movimento, só que os fanáticos também tinham seus veículos. Perseguição? Suor frio escorria pela testa de Taylor. Dezenas de caminhões avançavam como loucos, só para conseguir um pedaço de sua roupa, seus fluidos corporais, cabelos... até unhas. Instintivamente, ele apertou o colar que a Senhorita Letrina lhe dera. Mesmo sem uma despedida adequada, Taylor sabia que ela lhe entregara o melhor presente possível. Vendo os caminhões se aproximando, ele suspirou resignado: — Bem, parece que vou ser esfolado vivo. Pelo menos não querem me matar... Começou a tirar a roupa, na esperança de pelo menos conseguir preservar algumas peças. A moça Letrina olhava com uma expressão deselegante, enquanto a Senhora Katy dirigia com o rosto corado. Foi quando o rugido de um canhão de plasma da Valkyria rompeu o constrangimento. O velho Teikess, equilibrando-se na porta aberta da nave, olhava para ele com severidade. Sua mão mecânica segurava a estrutura do transporte enquanto falava pelo rádio: — Não sabia que você tinha esse tipo de... hobby. Taylor, envergonhado, vestiu a camisa antes que seus últimos traços de dignidade se esvaíssem. Enquanto a Valkyria reduzia a velocidade para pousar, Frankstein acelerou e subiu na traseira da nave. Taylor, ainda vermelho, perguntou: — Não disseram que não havia naves por perto? Teikess respondeu: — A frota da Marinha Imperial realmente não estava, mas alguns cidadãos leais se ofereceram para ajudar. — Mercadores? — perguntou Taylor. Foi então que uma voz clara e cristalina saiu dos alto-falantes da nave. Na tela estática, uma nobre mulher sorria, seu rosto jovem mesclando arrogância e elegância enquanto encarava Taylor. Ela olhava para ele como se o homem já lhe pertencesse. Taylor endureceu a expressão: — Senhorita Brandy... faz tempo não a vejo. Ela respondeu séria: — Você precisa praticar seu Alto Gótico. Mas isso não é importante agora. — Temos muito "tempo" pela frente. Capítulo 119 — O Convite da Dinastia Mercante Taylor perguntou, firme: — Por que ela? O rugido da nave atingiu o ápice ao atravessar a atmosfera, como se carregasse uma fúria infinita. Teikess respondeu: — Porque ela era a única opção! Se não fosse por ela, você estaria sendo apalpado por uma multidão agora. Aposto que as fiéis adorariam. E a vergonha para a Guarda Imperial estaria garantida. Depois, em tom mais ríspido, continuou: — E você deveria ter atirado neles! Mostre a mesma fúria que tem contra hereges e xenos! — Não consigo. Nem quero — rebateu Taylor. — Não sou como você, um servo leal cego. Eu respeito o Imperador e minhas responsabilidades! — Mesmo sendo covarde ou burro, nunca atiraria em civis desarmados! Teikess ficou furioso. A moça Letrina cochichou: — O que vocês acham? Roland respondeu: — Briga de pai e filho. Eu e meu velho também éramos assim. Aliás, ele

morreu de fome durante um êxodo. Katy acrescentou: — Não entendo muito, mas... não achei tão ruim. Os observadores pareciam entender melhor. Alguns até olhavam com inveja ou divertimento maldoso. A situação só se resolveu quando Taylor, sem argumentos, finalmente cedeu: — Tá bem! São só uns dias. Logo voltaremos para a fortaleza imperial. Teikess revidou: — Não. Lutaremos por eles. O planeta da líder mercante está sob ataque. — O que temos a ver com isso? — Taylor quase gritou. — Somos guerreiros do Imperador — Teikess insistiu. — Salve o mundo dela, e ela pagará uma fortuna. Dinheiro suficiente para deixar o Departamento Militar babando.

<http://portnovel.com/book/29/4876>